

Produção ecológica de banana em São João do Polêsine-RS



* Schopf, Daltro Adão⁽¹⁾; Zacarias, Jorge André Dorneles⁽²⁾; Ribeiro, Mario Oneide de Azambuja⁽³⁾; Bulegon, Evandro Vargas⁽⁴⁾; Santos, Jane D'Arc⁽⁵⁾; Bertoldo, Leani⁽⁶⁾

1 Introdução

No ano de 1996, um grupo de agricultores de São João do Polêsine decidiu dedicar-se ao plantio de bananeiras em escala comercial e sem uso de agroquímicos, aproveitando algu-

mas experiências anteriores e, também, a existência de um microclima propício ao cultivo de frutas tropicais, uma vez que nestes locais, só em casos raros, ocorre a formação de geadas.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar os resultados preliminares e avaliar a possibilidade da bananicultura ser indicada como uma alternativa econômica e ambiental para a região, bem como seu comportamento frente a distintas práticas agroecológicas.

* (1) Eng. Agr., Supervisor Regional da EMATER/RS, Escritório Regional de Santa Maria, (2) Eng. Agr, Chefe do Escritório da EMATER/RS de Faxinal do Soturno, (3) Eng. Agr., Assistente Técnico Regional da EMATER/RS, Escritório Regional de Santa Maria, (4) Técnico Agrícola, Extensionista da EMATER/RS, Escritório Municipal de São João do Polêsine; (5) Pedagoga, Extensionista Rural da EMATER/RS, Escritório Municipal de São João do Polêsine; (6) Extensionista Rural da EMATER/RS, Escritório Municipal de Ivorá.

2 Caracterização do município

O município de São João do Polêsine está localizado na região central do Rio Grande do Sul, na microrregião conhecida como Quarta Colônia da Imigração Italiana, na transição entre a região da Encosta Inferior do Nordeste e a Depressão Central. Possui uma área de 90 quilômetros quadrados, com uma topografia bem característica e distinta. Trata-se de uma região às margens do Rio Soturno, composta por várzeas exploradas com a cultura do arroz e região de morros, onde os produtores familiares cultivam o milho, feijão, fumo e outras culturas de manutenção.

Nas várzeas predominam os solos Gleis pouco húmicos, de textura média e relevo plano. Já nos morros e nas encostas encontram-se diversas associações, aparecendo com mais freqüência os podzólicos e os cambiosolos.

Na população de São João do Polêsine há predominância de descendentes de imigrantes italianos, tendo inclusive a denominação de "Polêsine" advindo da semelhança da região com a de origem dos mesmos, próxima ao Rio Pó, na Itália.

Sendo a economia do município baseada na agricultura, a população rural é majoritária em relação à urbana: de um total de 2.742 habitantes, 1.684 (61%) vivem no meio rural, especialmente nas áreas de morros.

Com respeito à estrutura fundiária, o município caracteriza-se por uma predominância de pequenas propriedades, exploradas pela mão-de-obra familiar. Nas regiões de cultivo do arroz ocorre eventualmente a contratação de mão-de-obra remunerada, nas épocas de pico de atividades, como no plantio e colheita. Do total de 254 propriedades, 87% possuem até 50 hectares (Fonte: IBGE - Dados preliminares - Censo 2000).

Como já foi dito, a agricultura é a base da economia do município e a pecuária, ainda que presente em praticamente todas as propriedades, é em geral uma atividade secundária e destinada à manutenção. As prin-

cipais culturas, em ordem decrescente de área cultivada no município, são: arroz, milho, soja, feijão, cana-de-açúcar, citros, videira. Destas, a cultura do arroz é a mais tecnificada e mecanizada do município, tendo apresentado um incremento de produtividade bastante significativo nos últimos 15 anos, principalmente pela adoção de práticas como a sistematização das várzeas.

Em função da pouca disponibilidade de água e de áreas aptas para a cultura do arroz, aliada às últimas crises ocasionadas pelos baixos preços obtidos pelo produto, existe apreensão no município em relação à atividade orizícola no futuro, que até então se mostrava com desempenho favorável, com boa remuneração aos produtores, o que já não vinha ocorrendo com as culturas tradicionais da pequena propriedade, como o milho, o feijão e a soja.

Tais circunstâncias já se evidenciam na busca de novas alternativas que possam alterar a atual matriz produtiva do município, principalmente em relação ao cultivo de frutíferas, que vem sendo estimulado por programas especiais como, por exemplo, o Programa de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (PRODESUS).

Por outro lado, deve-se registrar que tem crescido o número de agroindústrias no município e na região que elaboram produtos derivados de cana-de-açúcar, frutas e farináceos (pães, massas, etc), embutidos, dentre outros.

A existência de muitos morros, com áreas de declividade bastante acentuada e impróprias para os cultivos anuais hoje realizados, aliada a ocorrência de microclimas, apresenta potencial para a exploração da fruticultura, inclusive de espécies tropicais, como a banana. Como limitante a sua expansão, deve ser considerado o "envelhecimento" da mão-de-obra disponível nesta região (encostas), em que pese o fato de os próprios produtores que já têm alguma experiência em fruticultura con-

siderarem que a atividade demanda menos mão-de-obra que as culturas anuais.

Os principais sistemas de produção encontrados nos municípios são os seguintes: arroz (monocultura); arroz - milho - pecuária; milho - feijão - cana; milho - feijão - frutas.

3 Contextualização da experiência

Em 1996, técnicos da EMATER/RS e da Secretaria Municipal da Agricultura observando que nas encostas dos morros do município as geadas não prejudicavam as bananeiras ali plantadas, passaram a considerar a possibilidade de estimular o seu plantio em escala comercial, como mais uma alternativa para os produtores da região. Para melhor avaliar esta possibilidade, mantiveram contatos com o produtor Simão Brondani, quando foram informados de que o mesmo cultivava bananeiras desde a década de 50, quando chegou a plantar três hectares da variedade "banana-da-terra", com produção semanal de aproximadamente 600 quilos, que era comercializada no município e municípios vizinhos, utilizando como meio de transporte uma charrete de tração animal, vulgarmente chamada de "aranha".

Em 1965 uma "peste" dizimou a plantação, tendo Simão Brondani transformado a área do bananal em potreiro para seus animais, parando com a produção. Em 1980, este produtor obteve algumas mudas da banana-prata em Pantano Grande, reiniciando a plantação.

De posse dessas informações, que confirmaram as expectativas de viabilidade do cultivo de bananeiras no município, os técnicos da EMATER/RS, com o apoio da Secretaria Municipal da Agricultura, organizaram uma excursão de produtores, possíveis interessados na atividade, à região de Torres. A mesma foi realizada com a participação de sete produtores, das localidades de Vale Vêneto, Linha do Monte, Linha Bonfim e Sanga das Pedras. Em Torres foram visitadas diversas pro-

priedades, com diferentes níveis de tecnologia. Dos produtores participantes da excursão, dois deles decidiram iniciar o plantio em 1997.

Também foram realizadas reuniões iniciais, buscando avaliar e discutir a possibilidade de da produção de banana no município.

Em 1998 e 1999, realizaram-se encontros dos produtores de banana de São João do Polêsine, tendo o primeiro abordado aspectos relativos ao manejo do bananal e o segundo, o controle ecológico de doenças e pragas, incluindo práticas de campo, os quais contaram com a participação de mais de 200 produtores da região.

Também instalou-se uma unidade de observação, visando avaliar o comportamento das bananeiras com relação a diferentes tipos de adubação orgânica, especialmente através de plantas recuperadoras.

Convém mencionar que em dezembro de 1995, com orientação do Escritório Municipal da EMATER/RS, foi realizada uma pesquisa de mercado sobre o consumo de frutas e hortaliças na região, com vistas à implantação de uma unidade da Ceasa em Santa Maria. Através deste levantamento, constatou-se que em São João do Polêsine eram consumidos 273 quilos de bananas por semana (consumo hoje estimado em 400 quilos), o que dava alguma segurança à comercialização da produção, mesmo sem considerar o mercado regional.

Em novembro de 1997, o Fundo Municipal de Desenvolvimento Agropecuário financiou a aquisição de 3.150 mudas de bananas das variedades caturra (70%) e prata (30%), a serem pagas em duas prestações, reajustadas pela equivalência produto (milho). A medida beneficiou sete produtores que efetuaram o plantio em 2,5 hectares.

Em 1998, foi implantado na região da Quarta Colônia o Programa de Desenvolvimento Sustentável, que, entre outros projetos, previa o incentivo à fruticultura regional com base ecológica. Através deste programa, foi financiada a aquisição de mudas, beneficiando

do cinco produtores que já se dedicavam à cultura, agregando-se a estes mais quatro produtores iniciantes. A iniciativa permitiu ampliar a área cultivada com bananeiras para nove hectares no total.

O PRODESUS financiou também a construção de um climatizador, destinado a uniformizar a maturação das frutas, com capacidade para receber seis toneladas de produto a cada três dias. A iniciativa beneficiou quatro produtores vizinhos. Cabe ressaltar que o climatizador ainda não está sendo utilizado, uma vez que a produção ainda é relativamente pequena e a comercialização intermitente, com a colheita dos frutos "prontos no pé", não exigiu sua utilização.

Esta trajetória, iniciada em 1996, evoluiu para um quadro atual de dez agricultores, cultivando uma área total de 11 hectares de banana, sendo 70% da variedade prata e 30% caturra.

A produção de banana representou, para os agricultores envolvidos, uma alternativa compatível com a produção vigente nessas propriedades, representada principalmente pelo milho, feijão e culturas de subsistência.

As razões apontadas pelos agricultores para trabalhar com a bananicultura com base ecológica foram, principalmente, as seguintes:

- ✓ A cultura da banana possibilita o aproveitamento dos restos culturais, o que, aliado ao uso de adubação orgânica (verde, esterco), possibilita a recuperação dos solos, já bastante desgastados pelos sucessivos anos de cultivo;

- ✓ Os tratos culturais do bananal exigem menos mão-de-obra e menor dispêndio de esforço por ser uma cultura perene, comparando-se aos tratos culturais das culturas anuais. Conforme os agricultores, "é um trabalho mais fácil";

- ✓ Possibilidade de efetuar a plantação dos bananais em áreas mais acidentadas, inaptas às culturas anuais;

- ✓ Na região já existe uma demanda cres-

cente de produtos produzidos com base ecológica, inclusive com preços melhores, em função da qualidade dos mesmos;

- ✓ A não-aplicação de venenos representa menores riscos, tanto para os produtores como para os consumidores.

4 Inventário tecnológico

- ✓ Os bananais são implantados nas encostas dos morros que circundam São João do Polêsine, onde é mais evidente a ocorrência de microclimas, utilizando-se áreas de pousio (capoeirões) e de lavouras anuais;

- ✓ Antecedendo o plantio, as áreas são roçadas, quando necessário. Em algumas áreas pioneiras, foram utilizados herbicidas, prática hoje totalmente descartada. Já nas áreas de lavouras é feito o plantio preliminar de plantas recuperadoras, principalmente aveia e ervilhaca;

- ✓ O plantio inicialmente era feito em covas de 40 por 40 centímetros, distanciadas em dois metros, tanto em linhas como nas entrelinhas. Atualmente, este espaçamento ainda é o mesmo, mas no entanto as covas têm as dimensões apenas suficientes para abrigar os rizomas, seguindo recomendações da pesquisa;

- ✓ Geralmente é necessário o uso de calcário, que é aplicado por ocasião do plantio, na proporção de um quilo por cova;

- ✓ A adubação mineral restringe-se à aplicação de fosfato natural e bórax, feita em cobertura entre as fileiras;

- ✓ As mudas, inicialmente adquiridas de Santa Catarina e Torres, são hoje produzidas na propriedade, utilizando-se os afillhos periféricos às touceiras;

- ✓ A adubação orgânica é a principal forma de fertilização dos bananais, sendo mais utilizados o esterco de manguieras e cama de aviário, que são repostos anualmente na proporção de dez quilos por pé;

- ✓ A limpeza dos bananais já estabelecidos restringe-se à roçada das plantas nativas de



maior porte (macegas). É usual a utilização de cultivos intercalares, principalmente milho, no primeiro ano de implantação da cultura;

- ✓ A poda é feita durante o ano, não tendo um período fixo, utilizando-se a proporção de três plantas com idades diferentes na touceira, mantendo-se o esquema " mãe-filha-neta ";

- ✓ Na variedade caturra, pela altura das plantas e peso dos cachos, se faz necessária a amarração das plantas adultas, com vistas a evitar seu tombamento. Tal prática é feita com cordas, tensionadas no sentido contrário ao declive;

- ✓ A colheita é feita no ponto de maturação natural, razão pela qual se faz desnecessário o uso do climatizador, efetuando-se a seguir a reparação das pencas ou mãos e o acondicionamento em caixas padrão, de 20 quilos apro-

ximadamente, procedendo-se então a comercialização.

5 Resultados preliminares e perspectivas

Todos os produtores que iniciaram o plantio de bananas demonstram interesse em ampliar as áreas cultivadas, com perspectiva de atingir-se 30 hectares nos próximos dois anos, o que representa um incremento de cerca de 200% sobre a área atual. Os cinco pioneiros, que já estão com as primeiras áreas em plena produção, vêm obtendo uma produtividade média de dez mil quilos por hectare para a variedade prata e 15 mil quilos por hectare para a variedade caturra, com a comercialização direta ao consumidor ou varejista. Também está ocorrendo a comercialização de mudas para produtores de municípios vizinhos, sendo que no último ano foram comer-


cializadas cerca de mil mudas.

Até o momento, o mercado local e de municípios vizinhos vem absorvendo a produção total. Existem, ainda, perspectivas favoráveis para comercialização em cidades maiores próximas, como Santa Maria e Santa Cruz do Sul, considerando a redução do custo com frete e de possíveis danos às frutas e, também, qualidade do produto, que é considerada boa. Uma das famílias envolvidas vem se dedicando à produção artesanal de balas, com vistas ao aproveitamento dos "refugos", as quais vêm tendo boa aceitação por parte dos consumidores.

Ações grupais ou coletivas devem ser estimuladas, tendo em vista inclusive que o ingresso de novas áreas em produção, estimada em 30 hectares cultivados nos próximos anos, implicará no estabelecimento de novas formas de comercialização, que não a individual, como atualmente vem ocorrendo.

Do ponto de vista ambiental, considera-se

que o plantio de bananeiras no município e região é uma alternativa válida, uma vez que existem inúmeras áreas de microclima semelhantes. Por outro lado, a produção de dez mil ou 15 mil quilos por hectare, dependendo da variedade, permite atualmente um rendimento satisfatório para os produtores, tendo em vista os custos reduzidos de produção. Entretanto, seria interessante um estudo do custo de produção, para se conhecer a real margem de lucro dos produtores.

Para minimizar danos de eventuais geadas extemporâneas, se faz necessário estudar formas de "consórcio" de bananeiras com espécies florestais nativas. A parceria com instituições de ensino e pesquisa, neste sentido, deve ser estimulada. Por fim, a adoção de um selo de procedência/qualidade é outra possibilidade a ser trabalhada em conjunto pelos agricultores e técnicos envolvidos no processo. 

Bibliografia consultada

EMATER. Rio Grande do Sul. Estudo da Situação do Escritório Municipal de São João do Polêsine, 2000.

UFSM - Pró-Reitoria de Extensão/CCR/

Departamento de Solos: Solos do Município de São João do Polêsine: características, classificação, distribuição geográfica e aptidão de uso. Santa Maria, 1977. 77 p.